

ASPECTOS CULTURAIS, HISTÓRICOS E LINGUÍSTICOS DOS NOMES DE DOIS POVOADOS DO MUNICÍPIO DE IGACI – ALAGOAS

Max Silva da Rocha¹

RESUMO: Este artigo objetiva realizar um estudo sobre os aspectos culturais, históricos e linguísticos acerca das motivações dos nomes de dois povoados, Caraibinhas e Lagoa do Caldeirão, do município de Igaci, Alagoas. Por meio da representação das histórias dos dois povoados, será possível refazer a linha do tempo e tentar buscar possíveis origens dos nomes de ambos os topônimos. Entende-se por estudos culturais, a preocupação em observar como se dão as relações entre cultura, conhecimento, identidade e poder presentes em espaços sociais; já os estudos linguísticos, de vertente discursiva, são entendidos como uma área de investigação e de interpretação da multiplicidade de vozes que permeiam os mais diversos dizeres. O trabalho segue uma abordagem qualitativa e embasa-se em Bakhtin (2006; 2010), Laraia (2001), Melo (2016), Silva (2017), Geertz (2001), Hall (2006), Pesavento (2012), entre outros. O *corpus* é constituído por entrevistas realizadas com moradores dos povoados. Primeiro ocorreram as gravações em áudio; segundo, as transcrições e, finalmente, as análises dos dados transcritos. Portanto, os nomes dos dois povoados trazem aspectos culturais, históricos, sociais e linguísticos. Além disso, os relatos orais são formas de representações, não como uma cópia fiel do real, mas como um imaginário criado a partir dele.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Discurso e cultura; saberes regionais e oralidade.

ABSTRACT: This article aims to carry out a study on cultural, historical and linguistic aspects about the motivations of the names of two villages, Caraibinhas and Lagoa do Caldeirão, in the municipality of Igaci, Alagoas. By representing the stories of the two villages, it will be possible to redo the timeline and try to search for possible origins of the names of both toponyms. Cultural studies are understood as the concern to observe how the relations between culture, knowledge, identity and power are present in social spaces; linguistic studies, on the other hand, are understood as an area of investigation and interpretation of the multiplicity of voices that permeate the most diverse sayings. The work follows a qualitative approach and is based on Bakhtin (2006; 2010), Laraia (2001), Melo (2016), Silva (2017), Geertz (2001), Hall (2006), Pesavento (2012), among others. The corpus consists of interviews with residents of the villages. First there were audio recordings; second, the transcriptions and, finally, the analysis of the transcribed data. Therefore, the names of the two villages bring cultural, historical, social and linguistic aspects. Furthermore, oral reports are forms of representations, not as a faithful copy of the real, but as an imaginary created from it.

KEYWORDS: Language; Discourse and culture; regional knowledge and orality.

Introdução

Este trabalho tem como principal objetivo realizar um estudo sobre as motivações culturais, históricas e linguísticas acerca dos nomes de dois povoados do município de Igaci, Caraibinhas e Lagoa do Caldeirão, no agreste alagoano. Assim, seguindo uma abordagem indisciplinar entre os estudos culturais e os linguísticos, entende-se que o presente trabalho pode

¹ Professor colaborador do Curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) em Palmeira dos Índios – AL. Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9080598490942003> E-mail: msrletras@gmail.com

mostrar a importância de tais aspectos para a categorização, representação e manutenção sócio-histórica-cultural, além de motivações linguísticas e extralinguísticas, que deram origem aos nomes dos dois povoados do município de Igaci.

Diante disso, o trabalho segue uma abordagem da pesquisa qualitativa e promove um diálogo entre os estudos culturais e os linguísticos, no sentido de buscar embasamento teórico-metodológico, para subsidiar as análises que serão realizadas ao longo dessa investigação empírica. O *corpus* analisado é constituído por duas entrevistas orais gravadas com moradores dos povoados igacienses; elas foram gravadas em áudio e transcritas, seguindo as orientações e normas da Análise da Conversação².

No tocante aos estudos culturais e ao próprio conceito de cultura³, esse estudo segue os postulados de Laraia (2001, p. 14), ao enfatizar que a cultura é um “complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Assim sendo, presume-se que tudo aquilo que o homem aprende durante a vida, de alguma maneira, pode ser considerado como cultura, visto que esses aspectos constituem e interpelam os sujeitos.

Diante disso, os sujeitos se constituem em plena relação com os aspectos que estão ao redor, estes o afetam, refratam e o interpelam. Esse sujeito, nas palavras de Silva (2017, p. 234), não é um sujeito empírico, mas do discurso, envolvido pelas artimanhas dos discursos outros, que, dialogicamente, atravessam o seu. Nesse sentido, a cultura também atua como uma espécie de aparelho que, a todo o momento, interpela o sujeito social.

Concordando com Laraia (2001), depreende-se que a cultura é tudo aquilo que está intrínseco ao homem, pois a ele (e só a ele) é delegada a possibilidade de possuir cultura. Por isso, o referido autor pontua que o homem é o único ser possuidor de cultura. Desse modo, é válido considerar a seguinte assertiva:

A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura (LARAIA, 2001, p. 14).

² É uma corrente de estudos inicialmente teorizada por Luiz Antônio Marcuschi, no Brasil, no de ano de 1986, tendo como objeto de estudo a própria conversação, entendida como o diálogo entre pelos menos dois interlocutores.

³ “O conceito de Cultura, pelo menos como utilizado atualmente, foi, portanto, definido pela primeira vez por Tylor” (LARAIA, 2001, p. 14).

É a cultura que difere o homem dos outros seres, pois as técnicas, os costumes, a língua/linguagem, a religião, as tradições, tudo isso faz com que o homem seja, de fato, um ser cultural, mesmo em tempos considerados pós-modernos, como descreve Hall (2006). As tecnologias influenciam de forma acentuada a sociedade pós-moderna, mas a cultura ainda continua sendo o motivo fulcral das diferenças e desigualdades sociais.

Os avanços tecnológicos, a supressão e a compressão do tempo, o trabalho exacerbado como mercadoria, são aspectos que poderiam fazer com que a própria cultura fosse comprometida e reduzida a um possível encapsulamento. Assim, o tempo se comprime, pois a relação do homem com os avanços do mundo provocou tudo isso. E o mais alarmante: a compressão do tempo e do espaço atinge toda a sociedade.

É a chamada pós-modernidade (HALL, 2006), engatilhada pelo capitalismo desenfreado, o qual utiliza o tempo e o espaço para explorar a classe trabalhadora. Essa exploração não é algo efêmero, mas que vem perdurando ao longo do tempo, provocando, assim, um afunilamento do tempo e do espaço. Mesmo assim, o relativismo cultural persiste, visto que a cultura é algo que está em andamento e ela é apreendida pelo homem em suas relações sociais, a exemplo do trabalho, das relações de poder.

Em vista disso, não interessa o que “desejemos ou encaremos como esclarecimento, a diversidade das culturas persiste e prolifera, mesmo em meio e até em resposta às poderosas forças de vinculação da indústria, das finanças, das viagens e do comércio modernos” (GEERTZ, 2001, p. 217). A cultura é, de fato, uma das únicas formas que o homem possui como preservação e manutenção de sua identidade.

No tocante aos estudos linguísticos, numa vertente discursiva, acredita-se que é preciso, neste trabalho, buscar caminhos que indicam como analisar os discursos e as outras vozes que perpassam as falas dos sujeitos. Por isso, busca-se em Bakhtin (2006; 2010) a ideia de dialogismo, entendido como as múltiplas vozes dos discursos em diferentes espaços sociais. Nesse caminho, outros autores também surgem para ratificar as ideias defendidas nessa investigação, a exemplo de Melo (2016), o qual reforça os olhares acerca da toponímia alagoana; e Silva (2017) por contribuir com os múltiplos sentidos do discurso.

Esse trabalho contribui com os estudos culturais porque mostra como a cultura e a história, numa relação indissociável de representação, interferem, de forma acentuada, nas motivações dos nomes de dois povoados igacienses: Caraibinhas e Lagoa do Caldeirão; em relação aos estudos linguísticos, percebe-se que a análise da própria fala, configurada no

discurso, promove um entendimento mais consistente e científico dos falares populares que, na maioria das vezes, são atravessados por ideologias, as quais fazem com que os sujeitos inculquem crenças, visões de mundo, revelando os lugares sociais que ocupam.

1. Acerca dos aspectos culturais

Este trabalho entende os estudos culturais como um campo do conhecimento em que diversas teorias se entrecruzam, formando um diálogo indisciplinar. Esses estudos surgem num espaço-temporal de pós-guerra, ascensão tecnológica, crescimento econômico e, principalmente, das revoluções científicas. É com esse olhar que esse trabalho busca relacionar os estudos culturais com os linguísticos, a fim de um melhor entendimento dos aspectos culturais, históricos e discursivos presentes nas falas de moradores de dois povoados do município de Igaci.

Os processos culturais estão imbricados com as relações sociais, visto serem elas relações de poder dentro de uma comunidade. Por isso que a cultura envolve poder, haja vista as diferenças entre os grupos sociais, pois, como se sabe, uns conseguem criar meios para satisfazer as suas necessidades; outros, não. Essa premissa autoriza dizer que a cultura não é um campo autônomo, homogêneo, nem fixamente determinado, mas é um lugar de dissonâncias, lutas sociais e consenso, como frisa Geertz (2001).

Ainda de acordo com Geertz (2001, p. 215), a cultura refere-se às “estruturas de sentido em que as pessoas vivem e formam suas convicções, suas individualidades e seus estilos de solidariedade – como força ordenadora das questões humanas”. Em vista disso, cada grupo social tem a sua própria cultura e dentro desse grupo, há a possibilidade de existir uma espécie de subcultura, devido à multiplicidade do conceito de cultura. Seria como caixa dentro de caixas e prateleiras em cima de prateleiras (GEERTZ, 2001).

Compreende-se que os estudos culturais contribuem para a observação dessas relações existentes entre cultura e sociedade, pois é nesta que as mudanças e as múltiplas formas culturais influenciam as práticas de um determinado grupo social. Conforme Laraia (2001, p. 24), “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam”. É possível inferir que, de fato, a cultura é apreendida pelo homem, não sendo algo inato ao sujeito.

Os estilos de vida, os costumes de um povo, os discursos que envolvem as falas dos partícipes de uma sociedade, tudo isso é uma forma de comunicação, pois revela um processo cultural. A língua/linguagem humana “é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (LARAIA, 2001, p. 28). Sem dúvida, a oralidade é a forma mais plena de disseminação cultural, já que sem ela a comunicação não aconteceria e os valores identitários de um povo não seriam repassados de geração a geração.

Diante disso, depreende-se que a oralidade é um dos principais meios mantenedores dos processos culturais. Ela é uma forma clássica de representação da história. A representação é uma categoria fundamental, pois propõe retratar uma determinada realidade. Nesse contexto, as representações são construídas sobre o mundo e “não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real” (PESAVENTO, 2012, p. 39). Nesse sentido, grupos sociais criam representações, procurando construir uma possível realidade do mundo.

Por meio do discurso oral, é possível se ter uma representação de uma determinada cultura, mesmo sendo amplamente diversificada. Desse modo, entende-se que “cada cultura e cada época exploram apenas algumas das muitas possibilidades” (BENEDICT, 2013, p. 35), compreendendo que o mundo é como se fosse um todo pontilhado de culturas distintas (GEERTZ, 2001), revelando as diversas rupturas e a não unicidade do conceito de cultura, já que esta possui uma ampla heterogeneidade.

A identidade cultural promove uma imagem em que é possível perceber um espaço de diferenças que se chocam em aspectos como a família, a religião, a aldeia, entre outros domínios. Isso ocorre por causa da pluralidade e diversidade culturais. Não há um padrão de cultura, mas sim padrões de cultura (BENEDICT, 2013), os quais envolvem uma série de fatores multifacetados. Em vista disso, “tudo que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes e não decorre de imposições originadas fora da cultura” (LARAIA, 2001, p. 27).

No início do século XX, pensava-se que aspectos biológicos e geográficos poderiam ser os gatilhos impulsores das diversidades culturais entre as sociedades. No entanto, percebeu-se, a partir de consideráveis estudos, que é a cultura que faz com que os homens tenham determinados comportamentos, e não outros, em sociedade. Nesse sentido, não é um

determinismo biológico que vai explicar os comportamentos humanos numa sociedade, embora seja algo que esteja associado ao homem.

Dizendo isso, não se anula a importância do aspecto biológico, já que o homem é dependente dele. Entretanto, entende-se que “os comportamentos humanos não são biologicamente determinados. A sua herança genética nada tem a ver com as suas ações e pensamentos, pois todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado” (LARAIA, 2001, p. 21). É o contato com o outro (alteridade) que faz com que um sujeito possa adquirir determinados traços culturais e não outros de uma comunidade específica.

Do outro lado da mesma moeda, Laraia (2001) frisa que o determinismo geográfico considera que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural de uma sociedade. O mesmo autor assegura que não é possível concordar com essa tese, haja vista a impossibilidade de possíveis forças providas da natureza conseguirem influenciar culturalmente uma sociedade. Não é um determinismo geográfico (ambiente físico) que determina as ações humanas, mas sim a cultura. Nesse olhar, concorda-se com o entendimento de que “as diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente” (LARAIA, 2001, p. 14), as diferenças só podem ser percebidas em torno dos processos culturais.

Assim, mais uma vez concorda-se com Laraia (2001), ao dizer que a unidade da espécie humana só pode ser explicada em termos de sua diversidade cultural. Nesse espaço entra a história, pois é por meio dela que se pode chegar a uma possível representação da origem de um determinado traço cultural, a fim de realizar uma interpretação, buscando entender uma conjuntura sociocultural em uma determinada época. É válido acrescentar:

O discurso histórico, portanto, mesmo operando pela verossimilhança e não pela veracidade, produz um efeito de verdade: é uma narrativa que se propõe como verídica e mesmo se substitui ao passado, tomando o seu lugar. Nesse aspecto, o discurso histórico chega a atingir um efeito de real (PESAVENTO, 2012, p. 55).

A partir desse ponto de vista, a representação causa um efeito de verossimilhança, ou seja, uma aproximação com a realidade, buscando chegar o mais próximo possível da verdade do fato acontecido. Não há certezas absolutas, mas efeitos de verdades deixados por meio de pistas/marcas do passado, por meio das quais o pesquisador/historiador vai tentar descobrir um acontecimento em um determinado tempo. Mesmo assim, um mesmo acontecimento por ter

múltiplas versões e “tudo o que foi um dia poderá vir a ser contado de outra forma” (PESAVENTO, 2012, p. 51).

Como forma de diálogo indisciplinar, esse trabalho dialoga com os estudos linguísticos, entendidos como mecanismos teórico-analíticos capazes de contribuir com o entendimento da língua/linguagem na vida dos sujeitos. Não está atrelado à concepção saussuriana ao pensar a língua como um simples sistema abstrato de signos, mas sob o olhar bakhtiniano, ao estudar a língua como um lugar de tensão entre vozes sociais que, a todo o momento, perpassam as falas dos seus enunciadores. Passa-se a tecer algumas considerações sobre as contribuições de Bakhtin (2006; 2010) para esse trabalho.

2. O dialogismo e suas especificidades

Os estudos do chamado Círculo de Bakhtin procuravam investigar como as atividades humanas estão manifestadas na língua/linguagem por meio das relações dialógicas. Essas relações ultrapassam o sistema abstrato da língua e passam a compreendê-la como lugar de interação social e verbal. Assim sendo, todo discurso tem uma orientação dialógica, pois se por um lado aponta para um determinado objeto, por outro, aponta para o discurso do outro nesse mesmo objeto, pontuando as diferentes vozes sociais.

Desse modo, há uma necessidade de desvelar a presença do outro no discurso, já que não existe diálogo com apenas uma pessoa, já que “o caráter fundamentalmente dialógico de todo enunciado do discurso impossibilita dissociar do funcionamento discursivo a relação do discurso com o outro” (FIORIN, 2005, p. 221). Um detalhe importante é que o diálogo social não corresponde ao que é apenas estritamente linguístico, mas sim a tudo aquilo que pode, de algum modo, influenciar a vida dos sujeitos, ou seja, os efeitos de sentido evocados pelos mais diversos enunciados que circulam na sociedade.

Nesse sentido, aspectos provindos das relações sociais são imprescindíveis na construção das relações dialógicas porque eles permitem observar como os discursos circulam na sociedade e quais valores axiológicos os enunciados produzem. No que diz respeito ao dialogismo em si, é pertinente destacar que todo discurso aborda questões referentes a um determinado objeto e nesse mesmo objeto é possível perceber que há várias vozes e/ou discursos que também falam do mesmo fenômeno. Brait (2005, p. 94-5) acrescenta:

[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

A interdiscursividade representa as múltiplas vozes sociais que circundam um determinado enunciado. Elas são axiológicas, visto que podem lançar juízos de valor acerca de um objeto. Ainda sobre as concepções de dialogismo, destaca-se a seguinte assertiva:

Nesse sentido, o conceito de dialogismo sustenta-se na noção de *vozes* que se enfrentam em um mesmo enunciado e que representam os diferentes elementos históricos, sociais e linguísticos que atravessam a enunciação. Assim, as vozes são sempre vozes sociais que manifestam as consciências valorativas que reagem, isto é, que compreendem ativamente os enunciados (ZOPPI-FONTANA, 2005, p. 111).

Observa-se que a concepção bakhtiniana está enraizada no princípio do dialogismo, o qual é entendido como as outras vozes que permeiam os mais diversos enunciados. São vozes culturais, históricas, sociais, políticas, que evidenciam uma “ideia de um discurso que é o tempo todo atravessado pelo alheio, que faz no seu interior o outro, é um dos principais pontos do pensamento de Mikhail Bakhtin e o fundamento da sua concepção dialógica da linguagem” (MARINHO, 2005, p. 235).

Percebe-se, desse modo, que a língua/linguagem, na concepção de Bakhtin, refere-se ao funcionamento discursivo, ou seja, como a língua/linguagem se manifesta na vida das pessoas e como ela proporciona a constituição dos mais diversos enunciados e sentidos. Dessa maneira, tem-se que a língua é efetivada durante a interação verbal, numa dimensão plenamente social. “Reitero, assim, a interpretação de que é na comunicação verbal concreta, no diálogo, que se define a língua/linguagem” (ZOZZOLI, 2012, p. 258) dos estudos dialógicos do chamado Círculo de Bakhtin.

Sendo assim, a comunicação verbal e as relações dialógicas promovem os discursos que circulam no meio social. Trata-se das múltiplas vozes sociais que imbricam aspectos históricos, sociais, culturais, além de outros valores que configuram o dialogismo bakhtiniano. Nesse sentido, “no conjunto da obra de Bakhtin, as relações dialógicas são entendidas como espaços de tensão entre vozes” (FLORES; TEIXEIRA, 2012, p. 58). Estudar como as vozes sociais atuam no mais diversos enunciados permite entender como um enunciado é construído axiologicamente.

Diante disso, é possível, a partir dos estudos dialógicos “verificar como o sujeito organiza o que constrói como os discursos alheios em seu próprio discurso pode, assim, fornecer pistas quanto ao seu modo individual de enunciar” (FIAD, 2015, p. 84). É aí que o dialogismo se faz presente, pois ele permeia toda a interação humana. Para Barros (2005, p. 33), “a linguagem, seja ela pensada como língua ou discurso, é, portanto, essencialmente dialógica. Ignorar sua natureza dialógica é o mesmo, para Bakhtin, apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida”.

3. As múltiplas vozes sociais no discurso

Quando os sujeitos dialogam e promovem uma relação de interação social entre eles, é possível perceber que múltiplas vozes sociais se imbricam ou se chocam durante a comunicação verbal. Para Bakhtin (2006, p. 200), “toda a atividade verbal consiste, então, em distribuir a ‘palavra de outrem’ e a ‘palavra que parece ser a de outrem’”. Assim, entende-se que todo discurso tem o seu objeto voltado para o outro (alteridade), já que sem o outro não há possibilidade para esse espaço dialogicamente situado. Os discursos se entrecruzam, fundem-se, e materializam-se nos mais diversos enunciados concretos do dia a dia. Por isso, ratifica-se que a própria língua/linguagem está permeada de intenções não só do falante, mas também do discurso do outro.

Como diz Bakhtin (2010), a “linguagem é dialógica” e compreende-se que é por meio dos enunciados que ela se manifesta de maneira plenamente dialógica. Entendê-la sob essa ótica, é enveredar num possível caminho para compreender o funcionamento linguístico, por meio dos enunciados relativamente estáveis e concretos (BAKHTIN, 2010). Nas palavras de Brait e Melo (2005), no círculo de Bakhtin, os enunciados são entendidos como unidades de comunicação, unidades de significação, necessariamente contextualizados. Por isso, “a unidade fundamental da língua passa, assim, a ser o diálogo, entendido não somente no sentido aritmético do termo, mas como toda a comunicação verbal, independente do tipo” (FLORES; TEIXEIRA, 2012, p. 49).

Os sujeitos dialogam, negociam e constroem enunciados que podem ser orais e/ou escritos. Nesses gêneros do discurso, tem-se toda uma enunciação que é impregnada de conteúdo ideológico. Logo, a separação, mesmo que apenas no plano teórico, entre a língua e o conteúdo ideológico não se justifica, visto que não encontra base teórica e empírica precisa.

Não há que se falar em discurso e negligenciar a ideologia que perpassa a fala do locutor e do interlocutor, que se manifestam em diferentes vozes sociais (FLORES; TEIXEIRA, 2012). Assim, o filósofo russo “procura explorar a ideia e centrar a discussão no fato de que a língua/linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado” (BRAIT, 2005, p. 93).

Nota-se que, a partir da estreita ligação entre língua/linguagem e sociedade, Bakhtin (2006) entende o processo de significação como o resultado das estruturas/conjunturas sociais, pois os discursos são moldados por aspectos sociais, históricos, políticos, ideológicos, entre outros, que influenciam os dizeres e a vida dos sujeitos. Desse modo, a própria enunciação, fazendo parte de um processo de comunicação ininterrupto e de enunciados concretos e relativos, é entendida como um acontecimento de natureza social, realizado por sujeitos que também são seres sociais (CASTRO, 2005, p. 119). Nesse sentido, depreende-se que na enunciação interativa, “o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2010, p. 275).

Em síntese, as múltiplas vozes sociais são organizadas por uma espécie de dialogicidade interna da palavra, que, a todo o momento, é perpassada sempre pela palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para construir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que, como já fora dito anteriormente, está presente no seu. Desse modo, “o nosso discurso da vida prática está cheio das palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras reforçamos as nossas próprias palavras” (BAKHTIN, 1997, *apud* ZOZZOLI, 2012, p. 261).

4. Os procedimentos metodológicos e as análises

A pesquisa de campo foi realizada no município de Igaci, em Alagoas, procurando mostrar como os aspectos culturais, históricos e linguísticos influenciaram nas motivações dos nomes de dois povoados igacienses, Caraibinhas e Lagoa do Caldeirão⁴. Perseguindo esse caminho, escolheram-se esses dois povoados para amostragem e análises discursivas.

⁴ Segundo os dados do último censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o município de Igaci possui seis povoados. São eles: Lagoa do Caldeirão, Lagoa do Capim, Novo Rio, Lagoa do Félix, Caraibinhas e Coité das Pinhas.

Para realizar este estudo empírico, buscaram-se subsídios teórico-metodológicos para coleta, interpretação, análise, apresentação dos dados e resultados. Assim, foi adotada uma metodologia de tipo qualitativa, trabalhando com as informações em processo (FLICK, 2009), enfatizando a qualidade dos dados ao invés da quantidade. A linha qualitativa “[...] explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição, gravação [...]” (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 73).

Na pesquisa qualitativa, diferentemente da quantitativa, o que importa não é a quantidade e sim a qualidade dos dados obtidos. Por isso, esse estudo segue uma linha processual, enfatizando o processo e não o produto final. Além disso, utiliza-se de um olhar descritivo-interpretativista, o qual descreve o fenômeno investigado e interpreta as suas especificidades de maneira dinâmica.

No que respeita à análise, está embasada nos estudos culturais e nos linguísticos. Tomando como base esses fundamentos teórico-metodológicos, ocorreram, num primeiro momento, as entrevistas orais com moradores dos povoados estudados; depois, a transcrição do *corpus* da pesquisa; em seguida, a descrição dos elementos culturais, históricos e linguísticos; posteriormente, a interpretação dos dados orais e, finalmente, a apresentação dos resultados alcançados.

Todos os passos descritos foram desenvolvidos com o propósito de subsidiar as análises dos dados e os aspectos que o constituem. Após a apreciação das informações adquiridas, ocorreu a seleção de duas amostras para contextualizá-las e, concomitantemente, analisá-las e interpretá-las, com o objetivo de obter, gradativamente, respostas para as questões norteadoras da pesquisa, com ênfase no processo.

No que concerne ao *corpus*, ele é constituído por entrevistas orais coletadas com informantes residentes nos dois povoados do município de Igaci. Os dados verbais foram descritos, comparados e analisados sob o enfoque da teoria adotada nesse estudo. Desse modo, interpretam-se teorias sobre os estudos culturais e linguísticos, tentando responder às problematizações de forma flexível e dinâmica numa linha processual.

O método utilizado nesse trabalho possui características fenomenológicas, visto que, de acordo com Moreira e Caleffe (2008), a preocupação de linha descritiva e interpretativista detalha o acontecimento dentro da realidade dos fatos, a fim de verificar o discurso dentro do contexto real da sua ocorrência.

As análises foram realizadas após a transcrição das entrevistas orais. Em seguida, observou-se como as categorias analíticas permearam os dois momentos interativos (as entrevistas). Assim, em sua forma escrita, ocorreu a interpretação e a aplicação das teorias de análise, que são base para o estudo. Objetivou, dessa forma, desvelar quais são os aspectos culturais, históricos e linguísticos da entrevista oral com moradores dos povoados Caraibinhas e Lagoa do Caldeirão, ambos localizados no município de Igaci, em Alagoas.

4.1. Análise discursiva das entrevistas

Momento interativo 1

O evento de fala a seguir tem como tópico discursivo as motivações do nome do povoado igaciense Caraibinhas. A entrevista possui dois interlocutores (entrevistador e entrevistado) que, dialogicamente, negociam as trocas de turnos e os sentidos. Esse evento comunicativo ocorreu na casa do entrevistado, em que o entrevistador (L1) controlou a entrevista, dirigindo-se ao entrevistado (L2).

Assim, há um objetivo definido, que é saber como se originou o nome do povoado e, concomitante a isso, identificar e analisar as categorias que subsidiam esse trabalho. A elaboração desse momento de fala ocorreu previamente, pois o entrevistador já sabia o que iria perguntar ao entrevistado e vice-versa. Mesmo a entrevista acontecendo face a face, a situação discursiva já havia sido preparada pelo entrevistador. Nesse sentido, segue o momento interativo destacado:

L1: pode falar... por que é povoado caraibinha?
L2: é:: por causa des/dessa... chama-se caraibinha mode essas duas craibeira que tinha... que chama craibeira de riacho né?
L1. uhum...
L1: dois pé de pau...
L2: é ela tinha dois dois pé de pau duas craibeira... aí foi caraibinha né.. aí chama caraibinha dos do do zé vaqueiro...
L1: do zé vaqueiro né?
L2: é porque esse véio foi quem aduou isso daqui num sabe... quando eu fiz essa casa aqui... ali ainda tava o toco de esti: de arueira...
L1: mais ou menos em que ano isso o senhor se lembra ou não?... mil e novecentos e... ?
L2: não.. foi em mil... quando eu cheguei aqui foi em... cinquenta... eu vim praqui foi em cinquenta e dois... cinquenta e dois foi/quer dizer que eu comecei a morar aqui né?

L1: certo...

L2: agora caraibinha eu conheço ela de... eu tinha... quando eu tinha doze ano nós já vinha da lagoa do mato pro igaci... a gente carregava água nas costa... com um pote... nós saía meu pai não podia ir aí nós ia buscar água o que é que ele fazia dava dois ((incompreensível)) toma quando vocês voltar comprar uma rapa... lá na lagoa da peda nois comprava uma rapadura eu e meu irmão que morreu... no outro dia nois chegemo no clariar do dia...

L1: quando o senhor veio morar aqui já tinha o nome caraibinha?

L2: já:: homi... craibinha quando eu alcancei tava chei de gente já chamava craibinha...

L1: já chamava caraibinha...

L2: já chamava craibinha... era craibinha já...

L1: o principal motivo foi os dois pé de caraibeira?

L2: é os dois pé de craibeira que tinha né... aí o pessoal botaro o nome de craibinha...

L1: quem botou mesmo a primeira pessoa o senhor não alcançou não né?

L2: não alcancei não...

L1: nunca ouviu falar não né?

L2: não... diz o povo que foi o finado zé vaqueiro... mas eu não alcancei não né... alcancei sim o que o pessoá me dizia... chamava caraibinha mode essa craibeira que tinha...

Fonte: corpus desta pesquisa (2020).

A região onde está localizado o povoado Caraibinhas é fruto de uma doação de terra feita por um senhor chamado de Zé Vaqueiro. O informante que está na localidade desde 1952, conta que o principal motivo do nome do povoado são dois pés de árvores denominados de caraibeiras, que ficavam às margens de uma lagoa, a qual ainda pode ser encontrada na comunidade, porém vazia. O informante relata que, possivelmente, a família de Zé Vaqueiro é a principal responsável por colocar o nome de Caraibinhas no povoado.

Nessa entrevista, percebem-se alguns aspectos que este artigo vem discutindo ao longo das seções. Num primeiro momento, identifica-se a própria língua/linguagem do informante. Ela é caracterizada por uma fala popular, regional, sem se preocupar com a polidez, revelando uma identidade cultural própria do homem da roça, destituído, na maioria das vezes, do mundo da escolarização. Expressões como “homi”, “véio”, “botaro”, entre outras, revelam o lugar social ocupado pelo informante, qual seja, o da classe oprimida, estigmatizada, que não teve a oportunidade de estudar; além disso, é possível verificar que as expressões revelam as múltiplas vozes sociais, vindas de uma classe desfavorecida socialmente.

As vozes discursivas que aparecem revelam as dificuldades encontradas pelo informante no início da segunda metade do século XX⁵. Uma memória discursiva é retomada, trazendo à

⁵ Período em que o Brasil apresentava um índice de analfabetismo de aproximadamente 50% da população brasileira. Além disso, em busca de emprego, uma parcela da população rural migrou para a zona urbana, devido ao aumento considerável de indústrias. O Brasil vive um momento de modernização urbana, mas a população rural estava às margens dessa modernidade.

tona a seca da época e as dificuldades de se encontrar água. Segundo o entrevistado, “quando eu tinha doze ano nós já vinha da lagoa do mato pro igaci... a gente carregava água nas costa... com um pote...”. Observam-se os duros esforços para se arranjar água, já que era necessário carregar “nas costa”. Outro detalhe é que o informante só “tinha doze ano” quando fazia esse trabalho pesado. Isso justifica a não escolarização, pois ao invés de estar na escola, ele estava em atividades extremamente árduas para um jovem. Além disso, a própria distância de lugares fazia com que as dificuldades aumentassem consideravelmente.

Outras marcas discursivas do homem da roça podem ser percebidas quando o informante ressalta: “lá na lagoa da peda nois comprava uma rapadura eu e meu irmão que morreu... no outro dia nois chegemo no clariar do dia...” Essa sequência revela marcas de discursivização, pois a própria rapadura é um doce encontrado com maior frequência na região Nordeste do Brasil. O fato de chegarem “no clariar do dia”, também revela a dura jornada para buscar água, possivelmente um dia inteiro de viagem.

É válido destacar que as informações relatadas pelo informante são representações de uma possível realidade da comunidade em estudo, pois “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2012, p. 39). Acerca disso, Foucault (1999) frisa que toda representação trata de uma possibilidade de acontecimento em determinado período histórico. Por isso, entende-se que o entrevistado refaz a linha do tempo e cria uma representação do que ele entende ser a real história do povoado Caraibinhas. É por meio do relato oral e dessa provável representação que se pode construir um possível entendimento de como surgiu o nome do povoado em destaque.

Em se tratando das motivações histórico-culturais que originou o nome do povoado Caraibinhas, percebe-se que se trata de um fitotopônimo⁶, pois se refere à vegetação do espaço onde se localiza a comunidade em estudo. Assim sendo, verifica-se que o discurso oral é a única forma de trazer à tona essa história e reconstruir uma possível representação do que aconteceu naquele local em uma determinada época da história.

⁶ Melo (2016, p. 43) ressalta que “os estudos toponímicos compõem um caminho para o conhecimento de modo de vida das comunidades linguísticas que ocuparam um determinado ambiente geográfico, histórico e cultural, no momento que um sujeito-nomeador determina um nome a um acidente humano ou físico revelam-se aí, tendências sociais, políticas, religiosas, culturais, entre outras”.

Momento interativo 2

Esse segundo evento de fala tem como tópico discursivo as motivações do nome do povoado igaciense Lagoa do Caldeirão. Assim, entrevistador e entrevistado dialogam de forma interativa a fim de negociar sentidos em torno do tema em questão. A entrevista aconteceu na casa do entrevistado, no povoado em destaque.

Objetiva-se, desse modo, entender como os aspectos culturais, históricos e linguísticos atuam conjuntamente para fazer com que os discursos produzam possíveis efeitos de sentidos e não outros. A seguir, tem-se o segundo momento interativo:

L2: esse homi ele vendia cachaça de engenho e rapadura sabe?... era o meu bisavô... aí veio com um monte de burro de boca da mata pra palmeira dos índios...
L1: aqui existe uma lagoa né?
L2: existe ainda... e com o passar do tempo ele:: foi gostando... não do povoado... dá área né que não era um povoado... e ele ficou viúvo e gostou da região... geográfica né... e com isso ele:: morreu viúvo com oito filhos e uma irmã dele viúva com dez... chamava-se X... e quando ele chegou com os filhos esses filhos foram crescendo e com o tempo quando ele vinha com esses burros de carga de de boca da mata a palmeira dos índios... ele chegava aqui nessa região geográfica tinha uma lagoa e essa lagoa existia uns pés de caldeiro que chama-se caldeirão né... o segundo apelido... e ele mandava mandava nos filhos e dizia assim oh vão dar água naquela lagoa que tem um pé de caldeirão... tá entendendo:
L1: tô entendendo...
L2: aí os filhos dele iam dar água os boi aí pronto... por isso ficou lagoa do caldeirão...
L1: tá vendo aí...
L2: pronto... então era do pau caldeiro né... caldeiro que é o nome científico agora só que o nordestino chama caldeirão...
L1: ficou até hoje?
L2 e casaram entre si os filhos dos dois irmãos e construíram o povoado... primo com primo se casaram...

Fonte: corpus desta pesquisa (2020).

A explicação da motivação do nome do povoado Lagoa do Caldeirão advém da história de um homem que era um vendedor de cachaça de engenho e rapadura. O informante se diz bisneto do primeiro morador. Assim, o relato é oral e configura-se numa representação histórica do que possivelmente teria acontecido naquele espaço-temporal.

Segundo o entrevistado, “era o meu bisavô... aí veio com um monte de burro de boca da mata pra palmeira dos índios...”. Esse fato autoriza pensar na possibilidade de o bisavô do informante ser uma espécie de sem-terra, com ressignificações dos dias atuais. Por ser o seu

bisavô, há também uma ancestralidade, pois o bisneto (informante) guarda os discursos orais e até hoje reside no mesmo local onde seu bisavô fundou.

Ainda de acordo com a entrevista oral, percebem-se os aspectos sociais presentes na narrativa, quando o entrevistado diz que o seu avô “ficou viúvo e gostou da região... geográfica né... e com isso ele: morreu viúvo com oito filhos”. Só o fato de ficar viúvo revela uma dificuldade a mais, porque um homem sozinho com oito filhos para cuidar não é uma tarefa fácil, ainda mais numa época de difícil sobrevivência. A figura da mãe representa no contexto sócio-histórico o cuidado, o zelo, a proteção, entre outras qualidades a ela intrínsecas. Assim sendo, inferem-se as possíveis dificuldades que o primeiro morador do povoado Lagoa do Caldeirão enfrentou ao longo da vida.

O informante ainda relata que na região existia uma lagoa e até hoje ela pode ser notada no povoado. Ele afirma que dentro dela existia uns pés de caldeiro, que é um tipo de vaso para se retirar água. Assim diz o relato oral: “nessa região geográfica tinha uma lagoa e essa lagoa existia uns pés de caldeiro que chama-se caldeirão”. Diante disso, o entrevistado diz que a lagoa e os pés de caldeiros foram os principais motivos propulsores da origem do nome do povoado Lagoa do Caldeirão.

De acordo com o relato do informante, os caldeiros eram utilizados para saciar a sede dos burros, pois o primeiro morador “mandava nos filhos e dizia assim oh vão dar água naquela lagoa que tem um pé de caldeirão...”. A partir disso, virou um costume chamar aquele local de Lagoa do Caldeirão, nome este que perdura até os dias de hoje. O entrevistado demonstra certo grau de formalidade e utiliza uma linguagem culta. É possível observar isso em: “caldeiro que é o nome científico agora só que o nordestino chama caldeirão...”. Esse modo de se expressar ratifica o grau de entendimento e conhecimento do informante.

Outro aspecto importante da cultura encontra-se no seguinte trecho: “e casaram entre si os filhos dos dois irmãos e construíram o povoado... primo com primo se casaram...”. Os filhos do primeiro morador casaram-se com as primas e deram origem ao povoamento do local. Não se fala aqui em incesto, como é comum em várias sociedades e culturas mundo afora, mas numa relação entre familiares com um grau de parentesco culturalmente autorizado, podendo se relacionar. Por isso, entende-se que os traços culturais são os aspectos fulcrais de uma comunidade, visto que são eles que regem as “leis” de um povo.

No tocante aos aspectos histórico-culturais que originou o nome do povoado Lagoa do Caldeirão, viu-se que o próprio caldeiro também é um tipo específico de vegetação, mas em

formato de recipiente para se retirar água de uma lagoa, açude, barragem etc. Em síntese, percebe-se que foi a própria vegetação local que deu origem ao nome ao povoado, configurando-se, segundo Melo (2016), também num fitotopônimo, haja vista a influência da vegetação do espaço onde localiza(va)-se o povoado Lagoa do Caldeirão.

Considerações finais

Esse artigo discorreu em suas seções sobre os estudos culturais e os linguísticos, numa relação indisciplinar, procurando analisar como aspectos culturais, históricos e linguísticos constituem os nomes dos povoados Caraibinhas e Lagoa do Caldeirão, ambos localizados no município de Igaci no agreste alagoano. Após as análises dos dados orais, pode-se afirmar que a história dos dois povoados (Caraibinhas e Lagoa do Caldeirão) associa-se a uma possível representação, por meio de uma memória coletiva, das comunidades em destaque. Isso ocorre porque não há uma documentação escrita que seja capaz de mostrar como se deu a origem/motivações dos nomes dos povoados aqui estudados.

Foi possível perceber que a representação foi uma categoria importante para esse estudo, já que o corpus analisado é recheado de relatos orais que historicizam as comunidades estudadas. Por isso, durante as análises dos relatos, viu-se que a representação significa “estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença” (PESAVENTO, 2012, p. 40). Os informantes relataram a história que eles acreditam ser, de fato, a versão verdadeira. Assim sendo, os discursos vão sendo apreendidos nesse espaço de representações e lugares do imaginário simbólico.

Diante do exposto, o relato oral e a transcrição dos dados foram de suma importância para o desvelamento de como possivelmente se originaram as motivações dos nomes dos povoados Caraibinhas e Lagoa do Caldeirão. A tradição oral é o meio pelo qual a história continua viva e, com esse trabalho, ficará registrada em sua forma escrita. Percebeu-se que a recuperação das motivações dos nomes se deu no plano do discurso, imbricando aí o relato oral, visto que o contexto sócio-histórico-cultural, no qual os topônimos estão inseridos não podem ser desvinculados dessa relação de sentidos discursivos.

Quanto aos aspectos da cultura, observou-se que é ela quem diferencia as sociedades, pois as distinções entre os homens são culturais. Atestou-se que a nomeação e manutenção dos

nomes dos povoados se deram de forma cultural, histórica e linguística. Cultural porque cada sociedade tem a sua forma de cultura; histórica porque se tem uma ação ao longo do tempo; e linguística porque um sujeito-nomeador procura impor, na atividade linguística, uma demarcação de domínio, de posse, de identidade consubstanciada no signo toponímico a ser interpretado e compartilhado pela/na comunidade, como bem destaca Melo (2016).

Acerca das múltiplas vozes sociais, identificou-se a presença de discursos outros que autorizam falar de seca, de vida sofrida, de privilégios a uma pequena parcela da população, de difícil acesso ao mundo da escolarização, de trabalho infantil, de terras que estão nas mãos dos grandes latifundiários, de traços culturais marcados, além de outras questões de sentidos que deslizam e perpassam as falas dos sujeitos. Observou-se que todo sujeito reproduz outros discursos que são ressignificados durante cada ato de proferição. Nada é novo, tudo já foi dito em um determinado lugar e, como diz Bakhtin (2006), ninguém é um adão bíblico para que a todo o momento esteja dizendo algo novo.

Finalmente, acredita-se que esse trabalho possui relevância por promover um diálogo entre os estudos culturais e os linguísticos. A grande contribuição em realizar essa investigação reside no fato de ainda não se ter um trabalho com esse olhar cultural e linguístico em um objeto de estudos como os relatos orais das motivações dos nomes dos povoados Caraibinhas e Lagoa do Caldeirão, ambos localizados no município de Igaci. Como impacto de pesquisa, espera-se que outros trabalhos possam ser realizados nessa área, expandindo-se para outros povoados igacienes e outros campos do saber.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- BENEDICT, Ruth. *Padrões de Cultura*. Tradução de Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção Antropologia).
- BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- CASTRO, Maria Lília de. A dialogia e os efeitos de sentido irônicos. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- FIAD, Raquel. Índícios de autoria em textos infantis: marcas de metaenunciação. In: CALIL, Eduardo; BORÉ, Catherine. *Criação textual na sala de aula*. Maceió, AL: EDUFAL, 2015.

- FIORIN, José Luiz. O romance e a simulação do funcionamento real do discurso. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2009.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros, 1932. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.
- LORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARINHO, Maria Celina Novaes. Transmissão do discurso alheio e formas de dialogismo em vidas secas de Graciliano Ramos. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).
- MELO, Pedro Antônio Gomes de. Educação e Linguagem: uma interlocução possível entre o léxico toponímico e o dicionário escolar enciclopédico. *Revext*, Arapiraca/AL, v. 01, n. 01, p.39-52, novembro de 2016.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE. Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed. São Paulo: DP&A, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História*. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.
- SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. Os efeitos de sentido de resignação, opressão, miséria, pobreza e obediência na narrativa ficcional de vidas secas. In: *Linguagem, ensino e pesquisa: múltiplas abordagens*. Arapiraca, AL: EDUNEAL, 2017.
- SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. Entre sentidos, ideologia, sujeito e esquecimentos: alguns pressupostos teóricos da análise do discurso. In: *Linguagem, uso e ensino*. Arapiraca, AL: EDUNEAL, 2017.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. O outro da personagem: enunciação, exterioridade e discurso. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. A noção de compreensão responsiva ativa no ensino e na aprendizagem. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 7, n.1, p.253-269, jan./jun. de 2012.

**Artigo recebido em março de 2020.
Artigo aceito em abril de 2020.**